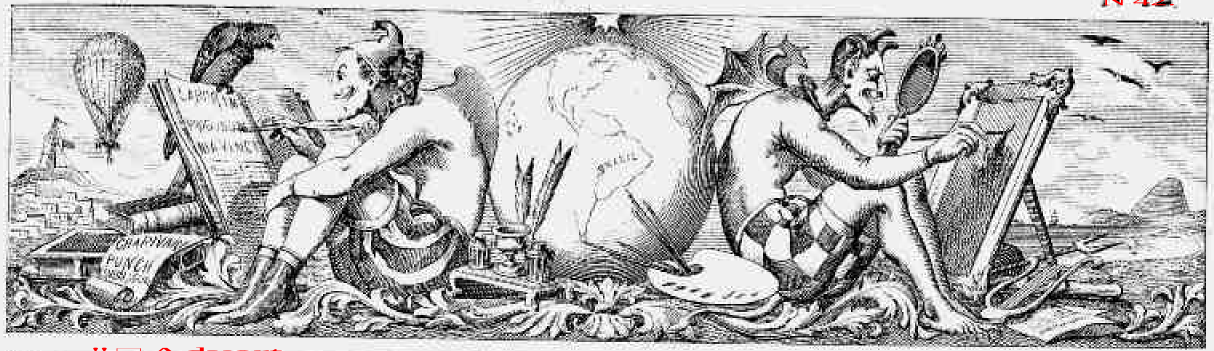
Assigna-se R. do Ouvidor N.º 153 e Ajuda N.º 16

A COMEDIA SOCIAL

HEBDOMADARIO POPULAR SATIRICO

Anno I — N.º 42



Advertencia

Pede-se a quem quizer mandar artigos ou desenhos para a Comedia Social, o obsequio de remettel-os á Redacção — Rua do Ouvidor N.º 153, 1.º andar — onde se recebem assignaturas.

Preço das Assignaturas

Côrte e Nictheroy		Para as Provincias	
Anno	8$000	Anno	10$000
Semestre	4$500	Semestre	6$000
Numero avulso	200		

Programma.

A Comedia Social [illegible] a civilisação do povo e sua regeneração physica, intellectual e moral [illegible] e [illegible] pacifico [illegible] O que [illegible] a caricatura, e a [illegible] dos vicios e abusos que [illegible] a nossa sociedade, da corrupção, da decadencia, da [illegible] da [illegible] e do charlatanismo. [illegible]

A Europa e sua carga.

Europa: — Esta situação é insupportavel; mas emfim é necessario não contrariar as aspirações da Allemanha....

A COMEDIA SOCIAL

RIO DE JANEIRO, 17 DE NOVEMBRO DE 1870

Publicamos no lugar competente uma transcripção do *Echo do Sul*, que merece ser lida com muita attenção por todos que não estão plenamente compenetrados da necessidade de pôr termo á relaxação com que entre nós se executam as leis.

O paiz nunca poderá prosperar como devia, emquanto não deixarem de ficar burladas as disposições da constituição, pelas quaes se garantem a liberdade do cidadão e uma magistratura independente e recta.

O novo ministro da guerra.

O ministerio não quiz desmentir a antiga fabula.

Depois de soffrer dores horriveis, por mais de um mez, depois de chamar sobre si a attenção de todo o mundo pelo estrondo e pompa com que se annunciára a proximidade do feliz acontecimento... a montanha pariu um rato!

Qual é o motivo pelo qual o ministerio foi regido na escolha do seu novo collega? Faltam ao paiz homens cujos conhecimentos profissionaes os qualifiquem para a pasta da guerra? Falta aos nossos militares o talento preciso para participar na direcção dos negocios do Estado, e especialmente na administração da repartição que diz respeito exclusivamente ao seu ramo de serviço publico? São indignos, por acaso, de exercer tão elevado cargo os heróes que deram tanto e tão immorredouro lustre ao nome brasileiro nas campanhas do Paraguay?

O paiz que responda, e que decida se merece o seu apoio um ministerio que, depois de levar tempo de sobra para fazer uma escolha acertada, insultou a nação, declarando pelo seu procedimento que de todos os cidadãos brazileiros não achou para ser ministro da guerra ninguem apto, a não ser... um legista.

A vocação de Patty.

CAPITULO III.

(Continuação)

Diz elle que Sara Joanna dava-lhe corda. Bem, não a censuro. Tudo que tenho a dizer é que se em tempo algum qualquer mulher teve probabilidades de casar-se com Roberto, foi mulher muito feliz, embora eu não saiba o que teria feito se realizasse o casamento. Comtudo agora não se lhe póde dar volta.

Sou sua mulher, e, se Deus quizer, espero ser ainda por muitos annos a mais feliz das creaturas.

E se eu não fôr e Roberto ficar viuvo e casar-se de novo, creio que não será com Sara Joanna.

No dia seguinte nada satisfaria Sara Joanna senão leval-a eu ao solar para apresentar os seus respeitos á noiva.

Mas só queria dar alimento á sua inveja.

Nessa tarde veio o Sr. Bellenden e com os seus modos indolentes e arrastados disse:

«Julguei ser esta casa campestre lugar certo para achar mulheres casadas fugidas. Eu sabia que faria a minha raposa sahir do seu escondrijo.»

Ao ouvir isto, Sara Joanna atirou-se a elle por ser ordinario, e deram-se a espectaculo, que não sei como teria acabado, se Roberto não houvesse dito:

«Não quero a minha casa alvoroçada com os seus berros. Se a Sra. Bellenden quizesse apenas imitar a minha Patty, e você, Bellenden, pensasse mais em sua mulher e menos em si, havia alguma probabilidade de felicidade para vocês. Mas vocês não lançarão sobre minha mulher o estigma dos seus proprios defeitos. Não desejo ver outra vez algum de vocês, emquanto não chegarem a entender melhor os seus deveres reciprocos.»

Roberto, quando está serio, é tão solemne como Salomão. Envergonhou-os ambos. Não pude deixar de chorar, quando Sara Joanna partio com o marido, (cousa que ella fez naquella noite), ainda que eu estivesse muito alegre por descartar-me délles. Felizmente ha pouco tempo elles [illegible] estabelecidos em uma aldeia a dez milhas de distancia.

Estávamos todos na maior anciedade a respeito de Mimosa [illegible] querida, rapariga [illegible] que ella representava.

Como dizia a Sra. Mondtjoy: — «A sua maneira de dar premios é a propria perfeição.»

A gente graúda do condado fazia-lhe os maiores comprimentos e amavam-n'a completamente. Não se pensava em tertúlia alguma se não estava alli a consorte do senhorio.

Um admirava a sua graça e a sua figura, outro a sua voz suave e o seu bonito modo de fallar, um terceiro achava-a tão intelligente, um quarto tão amavel, emquanto todos admiravam o seu gosto em vestir-se, e citavam a sua autoridade ao longe e na visinhança.

Quanto aos pobres, adoravam-n'a; quanto aos imperiosos criados, idolatravam-n'a.

E por fim amava ella o nosso caro e bom senhorio que tão instantaneamente descobrira que objecto querido era Mimosa?

Não podiamos dizer. Aquella «cousa velha» parecia necessaria á sua felicidade, se se póde julgar pelas muitas vezes que ella o invocava. Não como até então de um modo acanhado, mas abertamente e com uma certa ostentação.

«Onde está essa cousa velha?» dizia ella imperiosamente. «Aqui estou perplexa sobre o que hei de dizer ou fazer, e não ha uma cousa velha que me aconselhe.»

(Continúa.)

O echo e o ladrão.

(IMITAÇÃO.)

Alta noite um ladrão, d'uma parreira
Uilando muscateis uvas sem dó,
Dizia: — Regalar vou os rapazes
O João, e José e o Jacob.
Echo — Oh!

Oh! quem está aqui a estas horas?
Querem vêr que o caseiro deu por mim!
Nada, toca a safar, e quanto antes
Que já não estou bem aqui assim.
E. — Sim!

Não tem que vêr... estou bem arranjadinho.
[illegible] suspiro,
Senão bóto canella!.. Vamos, vamos,
Toca a vêr se sem perigo me retiro.
E. — Tiro!

Ai! o demo do homem vem armado,
E póde tal funcção sahir-me cara...
Que será da mulher e de meus filhos,
Se elle no triste vulto me dispara!
E. — Para!

Lá n'essa é que eu não caio, meu amigo,
Pois de juizo bom nunca fui falto...
Deixai-me vós chegar ao pé do muro,
E vereis como então pr'aquelle salto.
E. — Alto!

É alto, sim, senhor, mas eu sou leve
E trepo ha annos muros de quintaes...
Vereis como eu subo n'um instante
Se parado e quieto ahi ficaes.
E. — Caes!

Caio!... não caio tal: ora vereis
Uma minha manobra a limpo sahe...
Desculpai-me a bifando d'estas uvas...
Não torna cá o filho de meu pae.
E. — Ai!

Trepava, porém perde o equilibrio,
Por ter seu tanto ou quanto no pifão;
E o echo aquelle ai soltou ao longe,
Quando o larapio vio cahir no chão.

J. I. DE ARMMO

Effeitos da malvadeza.

Ao amanhecer de hontem succumbio ás tribulações maternaes a muito pobre, mas rica de virtudes, sexagenaria, D. Felicidade Pereira dos Santos, viuva honrada de um official do exercito, mãe de quatro filhos (vivos) sendo duas moças solteiras que estavam a seu cargo, uma outra casada em Pelotas, e um filho, que sustentava essa pobre familia com o fructo de seu trabalho, Claro Joaquim dos Santos, que ha perto de um anno se acha preso illegalmente.

Essa infeliz senhora possuia mais tres filhos, fortes, robustos e laboriosos, que, com abnegação evangelica, os entregou como voluntarios ao exercito, para defenderem a honra nacional nos campos inhospitos do Paraguay, onde succumbiram, batalhando por honra e gloria de sua patria.

E a pobre mãi nem se quer um obulo de caridade recebeu do nosso governo!

Ahi vivia atribulada mas resignada por entre as privações de sua pobreza honesta e honrada!

Mas o anjo da maldade inda não havia cansado de esvoaçar-lhe em torno; inda a infeliz mãi não havia esgotado inteiro o calice de amargura e de martyrio.

Ha quasi um anno viu illegalmente arrancarem de junto a si e de suas duas filhas, o arrimo, o amparo unico que restava á sua velhice, e lançarem-no ao fundo de uma prisão!

O raio fulminára o ressequido esqueleto de resignação, que só a centelha do amor materno alimentára.

A pobre mãi, antithese do nome que possuia, não mais se ergueu do leito, onde a rojára o doloroso golpe que recebêra.

Seguiram-se longos mezes de lucta horrenda de martyrios, de trabalho, de miseria, onde afinal a virtude se erguia tão alto, que forçoso era curvar-lhe o joelho e contemplar contricto quadro tão pungente.

Que o digam as almas e corações bemfazejos, que diariamente enviavam á desditosa familia os soccorros e os confortos!

E a desolada mãi vivia; — um unico raio do espirito divino lhe sustentava o corpo: era a esperança vivaz e fagueira que alimentava a pobre, de ver dentro em poucos dias restituido á liberdade o filho que idolatrava.

E essa esperança era fundada: mais alguns dias, e o tribunal competente restituiria, como restituirá, áquella inditosa familia o seu esteio, que a perversidade por algum tempo derrubára.

Não o quiz a sorte; o anjo mão daquella pobre gente inda não se fartára de contemplar o quadro penoso que desenhára; quiz ennegrecer-lhe mais as sombras.

E conseguiu.

Como hontem noticiámos o procurador ou antes perverso conselheiro de J. M. Santiago, que processára Claro Joaquim dos Santos, apresentou antes de hontem ao juizo competente um requerimento de desistencia com o fim de, por esse modo, conseguir protelar o preparo do processo, e este não ser julgado na proxima sessão do jury.

Esse intento não se realisaria, porque, como dissemos, evital-o-hiamos.

Mas a pobre mãi, ignorante de nossa legislação, temerosa e ainda soffrendo os effeitos da primeira decepção por que a fizeram passar, não se admittindo seu filho a julgamento na sessão passada, contra lei expressa; — acreditou a infausta nova que lhe deram hontem, de que seu filho não entraria em julgamento na proxima sessão, porque assim o propalava o solicitador Porto Alegre, — e essa crença, por mais que a quizessemos abalar, não nos foi possivel, e... matou-a.

O raio divino da esperança desapparecêra daquelle coração de mãi, e com ella a vida se esvaíra daquelle corpo já cadaver do martyrio.

Poucos momentos sobreviveu a estremecida mãi á fatal noticia do prolongamento da prisão de seu filho.

Este — victima da maldade humana — lá jaz entre as quatro paredes de uma immunda prisão, emquanto aquella lá se encerra, para sempre, entre as quatro paredes de um tumulo, tão frio e implacavel, como implacavel e frio o coração daquelles que produziram tão bella obra...

Hontem ás 4 horas da tarde, deu-se á sepultura o corpo da inditosa D. Felicidade Pereira dos Santos, que deixou duas jovens filhas ao desamparo, e um filho, o arrimo destas, encerrado na cadêa civil desta cidade.

E' o caso de dizer:

— Folguem os máus, gema a natureza.

A justiça de Deus, que véla sempre, ha de condoer-se dos desgraçados; temos fé nisso.

Ante a lage que cobre a sepultura da virtuosa finada depositamos uma lagrima de respeito saudoso.

(Do *Echo do Sul*.)

RECADOS DOS AMIGOS

«Isto vai mal! Isto vai máo!»

Amar e cultivar sciencias e letras,
Ter por norte a virtude e consciência,
E, desde longo tempo, em nossa terra,
Cada vez mais, tolice, inconsequencia!

Esta verdade resulta
De modo que, geralmente,
Scientificas carreiras
Seguem os que têm em mente
Lhes sirvam ellas de meio
P'ra gozos, e em far niente!

E pois que exemplos ha de grandes homens,
Patricios nossos, probos, illustrados,
Que quasi á mingua morrem no abandono
Ou tendo empregos mal recompensados;

De ambições levar se deixam
Os moços hoje, e mais, quando,
P'ai alcaide o seu não sendo,
Em protecções se fiando,
Volvem d'este áquelle polo,
Contanto que vão grimpando!

—«Gigantes do futuro» —muitos d'elles
Profissões nobres abraçado tendo,
Mesmo as olvidam, vendo-as sem prestigio;
N'outras, mais baixas, vão enriquecendo!

Razão lhes assiste, em parte,
Tanto mais que, á cada passo,
Homens sem merito algum
— Cada qual — grande ricaço—
Impa-pús, têm quem lhes faça,
Na rua lhes abra espaço!

Hoje,—diante dos bois caminha o carro—;
Tudo ao avesso vai, vai-se á mingoa;
«Graças aos hecas» — do Brasil senhores,
Que o sugam, qual da Alfandega hoje [illegible]

Elles.... os taes bons senhores
Já sobram; e aos encontrões
(Fóra os que estão aninhados)
Vê-se—os ahi! são leões,
Que, p'ra rua do Ouvidor,
Vem, de anno a anno, ás porções!

X.

Migalhas de politica.

— Pois então, Sr. Doutor, o senhor que foi liberal fervoroso já tornou-se conservador? Dar-se-ha caso que fosse seduzido pelo programma da conciliação?

— Não, meu amigo; mudei de politica por um motivo mais forte do que esse.

— Talvez a esperança de pilhar alguma presidencia?...

— Não, senhor; por motivo ainda mais forte.

— Então o que foi que operou tão grande mudança?

— A leitura constante da *Reforma*.

⁂

A politica da conciliação vai ás mil maravilhas.

Os partidos conservador e liberal já estão quasi promptos para reconciliarem-se.... a fim de fazer opposição ao ministerio.

⁂

— Nunca vi gente tão desarrazoada como os liberaes. Como é que vocês não querem ser tratados com justiça pelo governo?

— Ora essa; é porque não queremos contrahir a obrigação de tratar os nossos adversarios da mesma maneira quando chegar a nossa vez de subir ao poder.

Dous litteratos.

Fui incumbido pela redacção da *Comedia Social* de escrever um artigo para este periodico. Ora, um artigo não se encommenda como uma arroba de carne secca ou um alqueire de feijão, e depois de encarar estupidamente por mais de meia hora uma folha temivel de papel branco, fiquei no auge da desesperação, peguei convulsivamente no chapéu, sahi violentamente na rua e, esbarrando-me com tres quitandeiras, cinco moleques e dous cachorros, deixei em meu caminho tantos estragos como o exercito prussiano, mas menos exigente do que este, não pedi um vintem de indemnisação.

Cheguei afinal á casa do meu (distincto) amigo, o Sr. A. S. N. O., notavel (e illustre) folhetinista. Pedi lhe o favor de arranjar-me um artigo para a *Comedia Social*.

— Não sei se posso; tenho de escrever um folhetim para o *Mattu-Horrão* e uma chronica para o *Papel....* Alem disso duvido se sou digno de escrever para a *Comedia*.

— Ora, Sr. A., o senhor bem sabe que V. S. é digno.... é digno....

(Por mais que pensei não pude decidir o que foi de que o Sr. A. S. N. O. era digno; mas foi preciso acabar.)

—....que V. S. é digno... digno.... de TUDO!

Apezar de todos os meus esforços tive de gastar uma hora inteira para vencer a modestia inabalavel do litterato, o que finalmente consegui, ameaçando recorrer ao Sr. T. O. L. O., a quem o Sr. A. S. N. O. lá comsigo acha que é um fortissimo burro, apezar de elogial-o constantemente em seus folhetins.

No fim de alguns dias estava prompto o artigo. O Sr. A. leu-m'o com grande affectação de modestia mas com mal disfarçada satisfação. Foi uma narração longa e disparatada de uma aventura com uma mulher perdida, cheia de immoralidade e indecencia, e inteiramente balda de espirito e verosimilhança.

— Então, Sr. X., que tal?

— Gostei muito; mas V. S. não o acha um pouco livre?

— Qual livre? O senhor me pediu um artigo jocoso; agora, se quizer cousa seria, posso escrever um sermão.....

— Está bom, está bom, Sr. A.; deixe-me levar isto para a redacção.

Estava sabendo perfeitamente que a redacção havia de recusar o tal artigo, e por isso fui direitinho para a casa do Sr. T. O. L. O. Achei-o em casa e pedi-lhe o valioso concurso de sua penna.

Não me fez esperar e desesperar com pretenções á modestia, mas quiz por força massar-me com a leitura de diversas cousas que tinha publicado no *Diario de Sandices*. Não tive remedio, e por duas horas fui obrigado a escutar sem entender uma só palavra, porque a pronuncia e inflexão do Sr. T. não são das melhores.

No dia seguinte chegou o Sr. T. com o artigo.

— E' capaz de arranjar cem assignaturas para a *Comedia*. A gente e principalmente as moças gostam muito de artigos escriptos neste estylo.

Empoz-se a ler. Depois de amollar-me mais duas horas, o que lhe agradeci com effusão, finalmente sahiu, deixando-me meio tonto.

Como não tinha entendido nada do artigo, fiz um esforço supremo para conservar a coragem, peguei nelle e li-o.

Era dedicado a uma tal Amélia, que parece ser uma moça extraordinaria, visto como na opinião do escriptor é uma estrella, uma rosa, e um sabiá. Tem pés côr de marfim, que custa a crêr se anda descalça; e se tem calçado, como é que se póde saber a côr dos pés?

Ama ao escriptor «como um delirio» (textual) e elle sente a alma fazer não sei que por amor della. Portanto a atroz fatalidade quer que soffram cruento martyrio e que elle diga adeus trez vezes e que vá morar n'um deserto que só dá lembranças e saudades.

. . . .

Mas não desejando que o leitor soffra cruento martyrio igual ao dos dois amantes, vou acabar com a historia. A atroz fatalidade não quiz que os artigos sahissem na *Comedia Social*, e por consequencia todos os meus trabalhos e soffrimentos deram em pura perda.

Sinto dizer que meus (distinctos) amigos, os (illustres) litteratos A. S. N. O. e T. O. L. O. tiveram a infelicidade de perder ou a vista ou a memoria, porque ha algum tempo que não dão o menor signal de conhecer-me quando nos encontramos na rua.

O QUE VAI POR AHI

TELEGRAMMAS SOBRE A GUERRA.

Londres, 19.— Noticias telegraphicas de caracter official dizem que, em consequencia de ter o rei da Prussia [illegible] em Pariz uma resistencia com que não contava, o estado moral daquelle soberano já não é tão invejavel como em Sedan; que sua natural arrogancia tem soffrido consideravelmente, e que se os Parisienses [illegible] de S. Quintino, sua magestade [illegible] de combater dous inimigos: a republica e a diarrhéa, que são as duas enfermidades mais affeiçoadas uma aos francezes, outra aos prussianos.

Madrid, 21.— Por via aerostatica recebemos hontem [illegible] do exercito «Mr. de Pariz». Desappareceu Bismarck; uns dizem que num balão, outros dizem que [illegible] defunto. O que é verdade é que [illegible] fallam nelle em torno de Pariz, e que o rei Guilherme está disposto a fazer a paz com o mundo, deixando de bombardear a cidade das cidades.

Pariz, 25.— Repetidas desordens agitaram os dias 23 [illegible] pregado pelas esquinas a folha [illegible] denominada Os tres enforcados que [illegible] Os [illegible] se [illegible] enforcado da direita, os republicanos que se deixasse a estampa [illegible] deixando-se aquelle enforcado [illegible] do centro [illegible] terceiro, sob protesto de [illegible] a realeza. Emfim, para [illegible] Pariz se dividisse [illegible] de nenhum modo alludia aos personagens accusados pela malevolencia revolucionaria.

Tours, 26.— O governo será transportado em balão para lugar mais seguro, levando comsigo não só muita vontade de vencer a Prussia, mas ainda 12 cartas de [illegible] lançando sobre o exercito inimigo.

Florença, 27. (Do nosso correspondente). — Grande [illegible] na familia real ao saber que o principe Amadeo [illegible] na escolha entre o throno da Hespanha e a vaga de ministro da Guerra no Brasil. Para o tirar do embaraço, mandou-o avisar S. M. o rei da Italia que a guerra do Paraguay tinha cessado, e que por consequencia era já menos rendosa a pasta da guerra. O principe pareceu convencer-se.

⁂

Não virá talvez descolloreado o dizermos aqui uma palavra acerca da verdadeira causa da recusa da pasta pelo Sr. Visconde de Pelotas.

Consta que o illustre Presidente do Conselho estava [illegible] convidara o distincto general a acceitar a pasta da guerra. Como estivesse entupido e um pouco fanhoso, sua palavra resentia-se do defeito prussiano, que consiste em trocar o P pelo B, etc. Ora, querendo dizer Pasta da Guerra, o nobre presidente pronunciou Basta de Guerra, repetindo muitas vezes estas palavras, ao que respondera o general que se bastava de guerra não valia a pena ser-se ministro della.

⁂

Mas se basta de guerra, podemos invocar outros assumptos para firmar, alargar e immortalisar a grande reputação de que vai gosando pelo mundo a muito illustrada, jocosa e satyrica Comedia Social.

E sem fazermos uma longa analyse da Princeza de Trebizonde, diremos que é uma opereta burlesca, que está quasi no nivel do Orpheo, muito abaixo da Gran-duqueza e um pouco acima do Petit Faust, que presentemente a companhia do Alcazar.

⁂

Ensaia-se no Lyrico o Guaraná, magnifico thesouro de que fez presente á sua patria o maestro Carlos Gomes, a quem se prepara uma grande ovação digna dos tempos florentinos.

O programma da festa promette maravilhas, e é de crer que não esfrie o enthusiasmo da mocidade intelligente que [illegible] entre os oradores.

As bandas de musica estão promptas; a corôa de louros, sob desenho do Dr. Americo, está se fazendo de ouro; o busto do maestro está nas mãos do nosso primeiro esculptor, o professor Chaves Pinheiro; e o album anda de mão em mão recebendo os hymnos com que a intelligencia patriotica saúda a apparição do genio!

⁂

O que diremos nós mais? Que morreu na Moravia um [illegible] da infancia de Luiz XV?

Que [illegible] Quiacalingiolá foi-se queixar ao bispo de que seu marido a extenuava [illegible] os seios para amamentar-se?

Que as ruas do Espirito Santo, S. Jorge, etc. continuam esburacadas e cheias de charcos perigosos?

Que o reconhecimento nacional premiou com um magnifico retrato do aprimorado pincel do Sr. Victor Meirelles a heroina Anna Nery?

Que em Bruxellas não se vendem cartas de doutor, facto que somente se dá em algumas cidades do norte da Allemanha, onde existem academias particulares, que sem credito nem criterio vendem cartas a quem mais der?

Mas tudo isto é cousa velha, e a Comedia não admitte senão novidades, modas e sorprezas de bom gosto.

Ah! se eu tivesse o talento de as ir colher por ahi!

Thuaiiota.

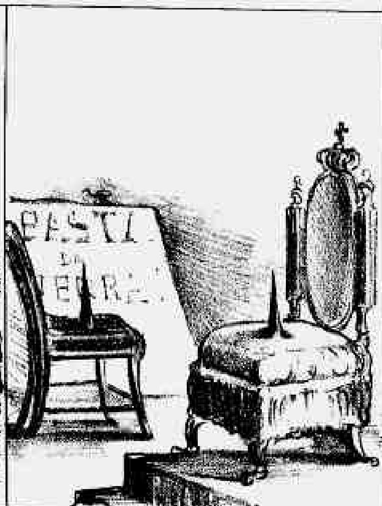
Typ. rua d'Ajuda n. 16.

— Mamãe: o filho de seu João Allemão quer matar o Meco! !
— E que temos nós com isso, meu Juca? deixa-o realisar as aspirações da Allemanha.

Dizem que o Perú choca graves questões para incommodar o Brasil.

Os Prussianos em frente de Paris.

— Diabo! parece que esses Parisienses me fazem esperar á tôa!



Grande semelhança entre o Throno d'Hespanha e a pasta da guerra do Brasil. Ambos são rendozos, mas um tanto incommodos.

— Quaes são os limites da Allemanha ao Sul?
— Seu mestre, isso é cousa que só se hade decidir em Pariz.
— Patife! a Allemanha não tem limites; está reprovado!

Ha mulheres que se casam para ter um apoio, assim como ha homens que se casam para ter uma apoia. Depende da sorte de cada um.

— Meu camarada, porque é que o exercito nacional ainda não usa de espingardas de agulha?
— Porque não presta; lá usava-se no Paraguay, mas em vez de matar o inimigo, era nós quem morria.
— Perfeito; isto faz honra ás nossas armas!